

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

A INSCRIÇÃO DA ERMIDA DE ALJUBARROTA.

SOUSA, J. M. Cordeiro de

Ano: 1960 | Número: 70

Como citar este documento:

SOUSA, J. M. Cordeiro de, A Inscrição da Ermida de Aljubarrota. *Revista de Guimarães*, 70 (3-4) Jul.-Dez. 1960, p. 523-526.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A inscrição da Ermida de Aljubarrota

Por J. M. CORDEIRO DE SOUSA
da Academia Portuguesa da História

A ermida de São Jorge em Aljubarrota ergue-se à beira da estrada de Leiria, no local onde a tradição diz que flutuou a bandeira de Nuno Álvares, naquele glorioso entardecer de 14 de Agosto do ano de 1385.

No paramento exterior da fachada principal, voltada litúrgicamente ao Poente, vê-se à direita da porta uma pequena lápida de caracteres góticos maiúsculos cujos dizeres repetem, ou porventura deram origem, a essa conhecida tradição.

Reza assim:

ERA : DE MIL : E QUATRO : CENT'
E TRINTA : E HUU : ANOS : NUNAL
UAREZ : P (ER) EIRA : CONDE : ESTAB'
MANDOU : FAZER : ESTA : CAP
EELA : A ONRA : DA : UIRGÊ : MARIA : POR
QUE : EN O : DIA : QUE : SE : FEZ : AQI : A BA
TALHA : QUE : EL REY : DE : PORTUGAL : OUUE : CÕ : EL REY
DE : CASTELA : ESTEUE : EN : ESTE : LOGAR : A BÂDEI
RA : DO : DITO : CONDE : ESTABRE

A porta primitiva da ermida devia ser ogival e a lápida estaria colocada sobre o fecho da ogiva, como parece indicar o corte que, na parte inferior da pedra,

separa a última linha da inscrição. Em época posterior, ao ser reformada a fachada, terão posto a lápida ao lado da modesta porta de verga direita.

Tem-se mantido inexplicavelmente pouco menos do que desconhecida esta inscrição comemorativa de um dos factos mais notáveis da nossa história, ainda que exposta em sítio tão visitado e de tão intenso trânsito pela ligação com Alcobaça, Batalha, etc., e, em tempos modernos, pela afluência de peregrinos ao Santuário de Fátima.

Não que seja por dificuldade de leitura, antes talvez por descrença na autenticidade desse documento lapidar que é, acaso, o mais antigo testemunho do acontecimento que a tradição perpetuou.

Embora o perfeito estado de conservação da lápida, fustigada pelas invernias de quase seis longos séculos, lavrada nesse brando calcário da região, que o tempo impiedosamente vai desagregando, nos possa parecer estranho, e certos sinais paleográficos não nos pareçam com a significação que habitualmente lhes corresponde, não temos motivos suficientes para suspeitar de uma falsa antiguidade.

Os caracteres góticos maiúsculos usaram-se na nossa escrita lapidar durante todo o século xiv, e a data refere-se, evidentemente, à era hispânica pois no primeiro dia de Novembro do ano de 1431 morria num humilde catre do seu mosteiro do Carmo o Santo Condestável.

A primitiva ermida de que nos resta, no seu antigo aspecto exterior, a ousia, terá sido, pois, mandada edificar oito anos após a batalha.

Durante aquele final de 1385 e todo o ano de 1386 até os primeiros meses do ano seguinte, andara Nuno Álvares às lançadas por terras de Castela: de Badajoz a Valverde, de San Felices a Cória, de Alcañices a Tierra de Campos e Ciudad Rodrigo. Depois fizera ainda a campanha do Alentejo, até que, após a tomada de Campo Maior, o seu braço pôde descansar, para se ocupar do voto feito, ao que se diz, durante aqueles incertos momentos de Aljubarrota.

Então vai a Ourém e a Porto de Mós, chama os «oficiais e os mestres mais peritos daqueles contor-

nos» (1), e diz-lhes onde haviam de levantar-lhe a ermida, ali «em aquele lugar mesmo onde a sua bandeira esteve o dia da batalha Real» (2).

As datas destes acontecimentos não estão suficientemente esclarecidas. Se a tomada de Campo Maior foi em 1389, a edificação da ermida demorou uns quatro anos.

Entre os escritores que nos falam desta capela, excluídos alguns já do século XIX que por isso não interessam, poucos se referem à existência da lápida. Apenas, que eu saiba, Frei Agostinho de Santa Maria, no Santuário Mariano, que transcreve a inscrição; Frei Domingos Teixeira, que também escreveu no primeiro quartel do século XVIII e, ao tratar da construção da ermida, faz ligeira alusão à lápida que Soares da Silva em 1731 igualmente transcreve, e de quem os outros posteriormente a copiaram; e o Cura de Porto de Mós, que na resposta ao questionário ordenado pelo marquês de Pombal após o terremoto, deixa-nos a impressão de a ter visto, pois aludindo também à capela, escreve: «e a dedicou à honra da Virgem» etc.

A lápida corresponde à tradição recolhida por Fernão Lopes e pelo autor anónimo da Crónica do Condestabre, menos na primitiva invocação da ermida, o que pode até indicar a sua anterioridade, visto ambos eles, e todos os que se lhes seguiram, lhe atribuírem a invocação de São Jorge. Ora a inscrição diz-nos que Nuno Álvares «mandou fazer esta capela à honra da Virgem Maria».

Bernardes Branco, na sua História das Ordens Monásticas, atribui essa invocação à existência da imagem equestre do Santo, muito da devoção do Condestável, num dos altares da capela. E em verdade, essa imagem data dos tempos da fundação (3).

(1) Frei Domingos Teixeira, *Vida do Condestável Nuno Álvares Pereira*.

(2) *Crónica do Condestabre*, cap.º LX.

(3) Matos Sequeira, *Inventário Artístico de Portugal-Leiria* pág. 119.

Muito embora eu não tenha deparado com referências mais antigas a esta lápida, não a considero uma mistificação do século XVII, como tantas outras que conhecemos, pois essas são sempre pretenciosamente escritas em latim, e nunca com o emprego de caracteres góticos tidos então por bárbaros.



Imagem de S. Jorge

(Fotogr. da Academia N.^{al} de Belas Artes)